

# O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

119)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (AGOSTO 10, 1839



O GRUPO DE LAOCOONTE E SEUS FILHOS.

Este famoso grupo, reputado pelos intelligentes como obra prima da escultura, foi descoberto em Roma no seculo 16.<sup>o</sup> fazendo-se excavações n' umas vinhas proximas a Sancta Maria Maior, e hoje guarda-se entre os thesouros da arte no celebre museu vaticano. Representa um episodio das fabulas da  
VOL. III.

guerra de Troia, que a tradição gentilica referia de seguinte modo. O sacerdote Laocöon, quando os gregos, cançados d'expugnar de balde a cidade, dolosamente se retiraram, immolava um touro em honra de Neptuno, para que o nume fôsse propicio aos troianos; eis que surgem do mar duas serpes enormes,

que investindo com os filhos de Laocoon, e com este que intenta livra-los, lhes dão acerba morte, esmagando-os nas repetidas rôscas com que lhes cingiram os corpos. Minerva o puniu assim por ter querido dissuadir os troianos de recolherem dentro das muralhas de Troia o fatal cavallo de madeira, que os astutos gregos deixaram no campo, como voto á deusa sua protectora, e recheado de gente armada, para destruição da cidade. Imitar no frio marmore a expressão da dor profunda d'um pae que padece com seus filhos violenta morte, vendo inuteis os desesperados esforços que faz por salva-los, é o maior merecimento dos tres eximios artistas, naturaes da ilha de Rhodes, Agesandro, Polydoro e Athenodoro, que desempenharam esta obra primorosa, assombro da antiguidade, como testemunha Plinio, e que nos tempos modernos tem obtido os elogios de quantos viajantes e artistas a examinaram. Os affectos e o intenso soffrimento mental, que delles deriva, estão energicamente pintados nas physionomias das tres estatuas, ao passo que a robustez physica dos pacientes succumbe á força desmedida dos reptis, que lhes enlaçam os membros exhaustos. Um dos filhos, que a serpente aferrára com as prezas venenosas, parece desfalecer; o outro, ainda não mordido, intenta debalde desembaraçar um pé do vinculo fatal. O pae ostenta-se forte no meio do tormento; esta-se vendo a acção energica de todos os musculos; e todavia nada se lhe divisa no rosto que seja medonho, repugnante, ou contrario á belleza: aquella expressão de soffrimento ihibe mais a vehemente angustia mental do que as feias contorsões da mera dor physica; no todo da figura descobre-se muito conhecimento da anatomia e das proporções das formas externas. Em summa este grupo é um dos mais formosos e acabados specimens daquella combinação de *verdade e belleza*, que tão essencial é ás obras de esculptura, e a unica que lhes assegura duradoura estimação.

Terminaremos offerecendo aos nossos leitores a passagem de Virgilio, em que narra a morte de Laocoon, vertida em outava rima pelo licenciado, João Franco Barreto.

## Est. 52.

Sacrificava em honra de Neptuno  
Um grande touro, ante as solemnes aras,  
Laocoon ministro, que opportuno  
Por sorte pareceo, e partes raras.  
Quando [conta-lo trepido repugno]  
Dessas praias de Tenedos avaras  
Vimos vir duas serpes muito grossas  
Pelo tranquillo mar, para estas nossas.

53

Entre as ondas seus peitos levantados,  
E as cabeças sanguineas, superavam  
O mesmo mar, e os corpos enroscados,  
Com as caudas atraz a agua cortavam:  
Erguem escuma os mares empolados,  
E já tomando terra nos lançavam  
De sangue e fogo os olhos, co'as vibrantes  
Linguas lambendo as bocas sibillantes.

54

Espantado co'a vista peregrina  
Sem alma, e cheios de pavor fugimos,  
E resolutas na tenção malina,  
A Laocoon remetter as vimos:  
Porem com furia mais que repentina,  
Cevarem-se famelicis sentimos  
Primeiro, do infeliz pae defronte,  
Em dois filhos do mesmo Laocoon,

55

Saltam logo sobre elle denodadas,  
Que armado os filhos socorrer queria;  
E pelo meio e collo já enroscadas  
Cada qual duas vezes o cingia:  
As cervizes por cima levantadas,  
Cheias d'escamas tem, e parecia,  
Posto no meio dellas o coitado,  
Um tronco de tenace hera abraçado.

56

Elle tambem co'as mãos se esforça quanto  
O ajuda seu furor em tal aperto,  
Por desatar os nós que o ligam tanto,  
De atroz veneno tendo o veo cuberto:  
Gritos levanta ao ceo, que põem espanto,  
Mas como se bradára n'um deserto;  
Qual touro, que escapou d'entre os altares,  
Mal ferido, bramindo atoa os ares.

57

Fugindo os dois dragões vão despedidos  
Ao templo de Tritonia armipotente,  
E aos pés da deosa pondo-se encolhidos,  
Com o escudo se cobrem refulgente,  
Augmenta-se o pavor; esmorecidos  
Ficando todos co'a visão presente:  
Dizem que he bem que pague com a vida  
Laocoon a pena merecida;

58

Pois se atrevo com improba ousadia  
Offender o fatal lenho sagrado,  
Furioso arrojando a lança impia,  
De cujo ferro agudo foi passado:

.....  
*Eneida port. L.º 2.º*

## HISTORIADORES PORTUGUEZES.

## II

Gomes Eannes d'Azurara.

A FERNÃO Lopes succedeu no cargo de guarda dos archivos Gomes Eannes de Azurara [como dissemos no primeiro artigo] com o consentimento delle, que por velho e doente de boa vontade resignou o emprego, que tão dignamente servira. Foi Gomes Eannes filho de João Eannes de Zurara ou de Azurara, conego d'Evora e de Coimbra. Entrou, sendo mancebo, na ordem de cavalleria de Christo, onde chegou a ter o gráu de commendador de Alcains, a qual commenda possuia em 1454, e que depois trocou pelas do Pinheiro grande e da Granja de Ulmeiro, que achámos serem suas pelos annos de 1459.

Parece que durante a sua mocidade Gomes Eannes, segundo o costume dos cavalleiros daquelles tempos, se occupou inteiramente no exercicio das armas, sem curar d'instruir-se nas boas letras. Verdade é que o abbade Barbosa o faz erudito na historia desde mancebo; mas o mestre Matheus de Pisanho, seu contemporaneo, preceptor de D. Affonso 5.º, e auctor de uma chronica da conquista de Ceuta, escripta em latim, diz que sendo já de idade madura se applicára ao estudo, mas que até então fôra inteiramente hospede em litteratura.

Foi depois desta epocha que Gomes Eannes entrou no serviço d'elrei D. Affonso 5.º, como guarda da Torre do Tombo, segundo se colhe da carta de sua nomeação, passada a 6 de Junho de 1454; como bi-

bliothecario da livraria real fundada por aquelle monarcha, do que nos informa mestre Matheus na obra já citada; e como encarregado de escrever varias chronicas das cousas portuguezas, conforme o diz o proprio Azurara no capitulo 2.<sup>o</sup> da chronica do conde D. Pedro de Menezes.

Documentos daquelle tempo provam que D. Affonso 5.<sup>o</sup> fizera grande estimação de Gomes Eannes. Morava este em umas casas d'elrei á porta do paço de Lisboa: tinha uma tença de doze mil reaes brancos, e fez-se-lhe mercê em 1467 d'uma capella que vagára para a coroa, graça esta que, como observa o abbade Corrêa da Serra, era naquelles tempos assaz extraordinária. Doou-lhe tambem elrei umas casas em Lisboa, do que se acha memoria no livro 3.<sup>o</sup> dos Misticos. Antes disto, porém, já Gomes Eannes era homem abastado, segundo se colhe de outros documentos coevos.

Ácerca deste chronista se conserva ainda uma lembrança curiosa no Archivo da Torre do Tombo. Em 1461 uma pelliteira viuva e rica, chamada Joanna Eannes, o adoptou por filho, constituindo-o seu herdeiro. O já citado abbade Correa nota, com razão, que tal adopção de um homem nobilitado por seus cargos e pela qualidade de cavalleiro, feita por uma plebea, era inteiramente opposta ás idéas do seculo 15.<sup>o</sup>, devendo-se por isso suspeitar que Azurara foi daquellas pessoas para quem o respeito ao dinheiro é o principal de todos os respeitos.

São incertissimas todas as datas relativas á vida de Gomes Eannes: apenas se póde dizer que vivêra pelo meiado do seculo 15.<sup>o</sup> A maior parte das memorias que delle fallam não mencionam nem a epocha do seu nascimento, nem da sua morte. Algumas ha que dizem fôra nomeado chronista em 1459: ignoramos se existe ainda a carta de tal nomeação; mas disso duvidamos. O que se póde affirmar é que Azurara acabou uma das suas chronicas [a do conde D. Pedro] em 1463, porque elle proprio o diz. Antes desta compozera a da tomada de Ceuta, que serve de terceira parte á de D. João 1.<sup>o</sup> escripta pelo immortal Fernão Lopes; e depois della a de D. Duarte de Menezes. Estas são as tres obras, que, com certeza, se podem attribuir a Azurara. Quer, todavia, Damião de Goes que na chronica d'elrei D. Duarte, attribuida vulgarmente a Ruy de Pina, e cuja melhor parte elle julga de Fernão Lopes, houvesse tambem alguma cousa de Gomes Eannes.

Apesar da estimação e respeito que merecera Fernão Lopes aos seus contemporaneos, parece que o seu immediato successor lhe levou nisso conhecida vantagem, posto que muito inferior lhe fosse em merito. Azurara tendo de escrever sobre cousas d'Africa, passou áquellas partes, e lá fez larga demora para conhecer miudamente os logares e circumstancias das façanhas que tinha de narrar. Estando alli recebeu a celebre carta de D. Affonso 5.<sup>o</sup>, que anda impressa no principio da chronica de D. Duarte de Menezes. Este documento prova quão bella era a alma daquelle monarcha, a quem podemos sem receio chamar o ultimo rei cavalleiro, e cuja honrada memoria teem pretendido escurecer aquelles que só em seu filho encontram um grande homem. Vê-se nesta carta, que D. Affonso entendia que uma pena vale bem um sceptro, e o engenho um throno. De irmão para irmão não houvera mais affavel e affectuosa linguagem, e mais generosas animações e mercês. Bem nos pêsá que não seja possível, pela extensão desse documento, o lança-lo neste lugar; não para exemplo de reis, mas de quem mais do que elles carece de tão formosa lição, neste seculo que se diz allumiado, e em que ha homens que em

nome da patria votam miseria e fome para aquelles que mais bem merecem.

Do merecimento litterario de Gomes Eannes d'Azurara diremos em breves palavras o que entendemos. Póde-se de algum modo comparar ao italiano Alfieri, posto que pareça pouco exacta qualquer comparação entre um auctor de chronicas e um poeta dramatico. E todavia muito ha em um que do outro se possa dizer: ambos chegaram á idade viril sem possuirem os rudimentos sequer das boas letras: nos escriptos de ambos apparece o resultado desta falta de educação litteraria: ha em um e outro certa inflexibilidade feroz, e ausencia inteira daquellas graças de estylo que nascem do coração, amaciado desde a infancia pela cultivacão do espirito: as concepções nascem-lhes do entendimento, como Minerva da cabeça de Jupiter cuberta, por assim dizer, de um arnez de ferro. Louva-se em Azurara, e de louvar talvez é, a sinceridade bravia, com que lança em rosto aos heroes, cujas façanhas escreve, os defeitos que tiveram, os erros e culpas em que caíram: nisto se parece tambem, de certo modo, com Alfieri. Mas nós preferimos o systema de Froissart e Fernão Lopes: para cada um dos seus heroes havia nestas almas generosas um typo ideal a que procuravam assemelha-los, engrandecendo-os: e porventura que mais proficua é assim a historia ao genero-humano. Para acabarmos um paralelo, que poderíamos levar mais longe, notaremos a tendencia dos dois escriptores, que collocamos em frente um do outro, para *philosophar trivialidades*, e ostentar elegancias rhetoricas, e erudições suadas para elles, impertinentes para os leitores. Move a riso ver o pobre Azurara a lidar em pôr claro como a luz do dia, com a auctoridade de S. Jeronymo, Sallustio, Fulgencio, e *easy todo-los outros auctores*, que são temiveis as más linguas, como causa somno o observar os tractos que o illustre dramaturgo italiano dá ao juizo para nos fazer odiar a tyrannia, ácerca da qual escreveu um volume, cousa muito escusada na moderna litteratura. Todavia em ambos elles a sinceridade das intenções suppre de algum modo a aridez e o vazio da obra.

Posto, porém, que Azurara esteja em gráu inferior a Fernão Lopes, não deixou de fazer com seus escriptos bom serviço á litteratura patria. João de Barros o tinha em subida conta, e até no estylo delle se comprazia. Não assim Damião de Goes, que foi o primeiro em notar-lhe as affectações rhetoricas. Infelizmente para Azurara, Goes era melhor juiz; e a posteridade, confirmando a sentença do perspicaz chronista de D. Manuel, regeitou o parecer do historiador da India.

A. H.

#### DOS DIVERSOS GENEROS DE COMPOSIÇÃO MUSICA.

A QUATRO se podem reduzir os diversos generos de musica, que se conhecem: a musica sagrada, a dramatica, a de salla, e a symphonia.

A musica sagrada abrange toda a casta de missas, desde as de cantochão até ás que precisam de uma orchestra completa; os psalmos, hymnos e motetes; as oratorias e cantatas sagradas. Os psalmos admiraveis de Marcello; as missas e motetes de Palestrina, os *Misereres* d'Allegri, Leo e Jomelli; a musica de igreja de Sebastien e Bach; a Athalia, o Sansão, os Machabeus, o Messias de Haendel; o David penitente de Mozart; a morte de Jesus de Graun; a creação, e as sete palavras de Jesu-Christo de Haydn; o *requiem* de Mozart; as missas de Cherubini, e a

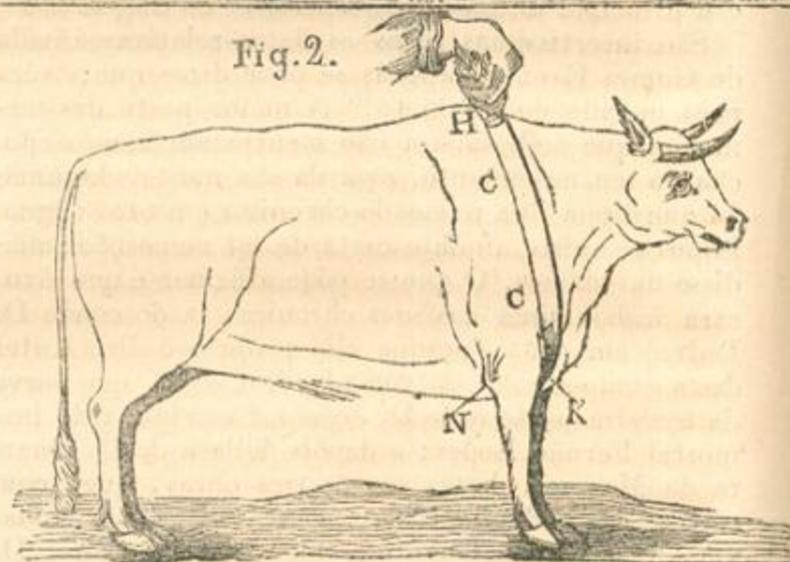
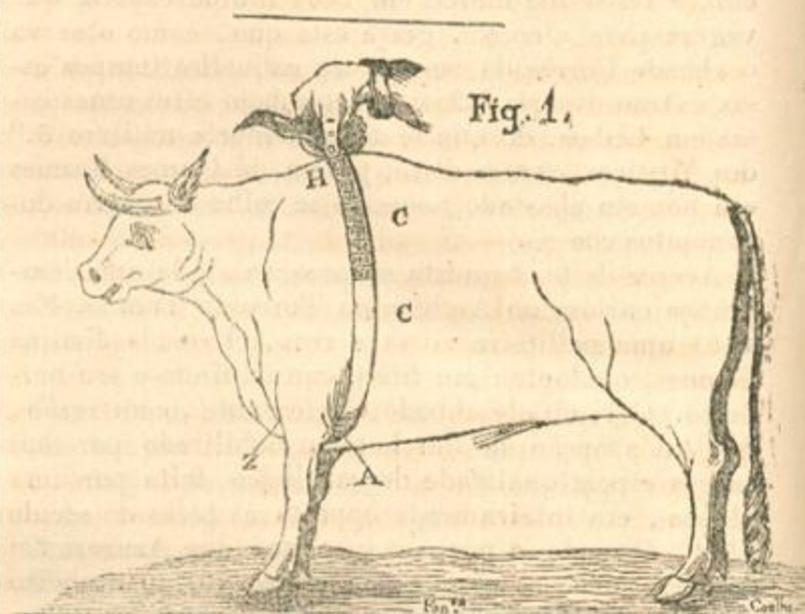
de Marcos Antonio Portugal, são as composições deste genero mais dignas de se mencionarem.

A *musica dramatica* comprehende todas as composições feitas para serem executadas nos theatros. Os musicos, que maior nome ganharam neste genero, são, na Italia, Hasse, Leo, Pergolese, no principio do seculo passado; posteriormente, Paesiello, Cimarosa, Guglielmi; e ainda depois, em ordem todavia inferior, Fioravanti, Zingarelli, Paer; no nosso tempo Rossini, que excede todos os seus predecessores, e alevantou a opera moderna ao mais subido grau de esplendor. Depois d'elle, ainda que ninguem o iguale, póde-se fazer menção de Donizetti, Mercadante, e principalmente de Bellini, que muitas vezes teve inspirações felizes. A Alemanha, menos rica neste genero que a Italia, tem todavia produzido composições dramaticas de grande merito. Keiser, um dos mais antigos compositores, e de algum modo o creador da opera alemaã, escreveu avultado numero de obras, que depois dos progressos da orchestra já se não representam, mas onde ainda se encontram pedaços grandemente preciosos: Haendel, seu successor, compoz operas alemaãs, italianas e inglezas; Mozart, mais proximo aos nossos dias, é auctor de operas alemaãs e italianas, que são tidas por obras primas. Mencionaremos depois d'elle Winter e Weigl, compositores de merito, mas de inferior classe. A Alemanha moderna pronuncia com orgulho os nomes de Weber, creador do *Freischutz*, de Spohr, de Meyer-Beer, que só ganhou a alta fama, de que goza, depois que compoz a bella opera de *Roberto do Diabo*. A maior parte dos musicos que teem escripto para a opera franceza são alemães ou italianos. Lulli foi o primeiro; apoz elle veio Rameau, a cujas composições faltava a graça e a verdade, achando-se-lhes, porém, ainda hoje alguns côros bellos, e, em geral, um estylo mais dramatico que o de Lulli e dos seus imitadores; posteriormente Gluck, auctor das duas *Iphigenias*, d'*Armi-da*, e d'*Orpheu*; Piccini e Sacchini, auctor do *Edipo*; Spontini, afamado pelas duas operas, a *Vestal* e *Fernão-Cortez*. Actualmente Rossini é, sem contradicção, o mais celebre compositor da scena franceza. A *Muda* d'Auber, e *Roberto do Diabo* de Meyer-Beer deram, sem duvida, grande nomeada a estes dois musicos, mas muito inferior á de Rossini, auctor de *Guilherme Tell*, de *Moisés*, e do *Cerco de Corintho*. Na opera bufa, os mais conhecidos compositores de França são Monzigny, Philidos, Grétry, Dalayrac, Méhul, Nicolo, Berton, Boieldieu, Auber, Herold.

A *musica de salla* ou de *concerto* consiste nos diversos trechos destinados para se executarem nas assembleas, como as sonatas, concertos, variações, duetos, tercetos, quartetos, quintetos para instrumentos: as cantatas, romances, modinhas, duetos, tercetos, accomodados para concertos. Este genero de composição é inferior aos dois precedentes, mas alguns compositores ganharam nelle fama. Comprehende-se tambem debaixo desta denominação geral de musica de concerto as arias, duetos, e outros trechos extrahidos de operas representadas no theatro, e cujo acompanhamento se reduz para piano.

A *symphonia* é uma especie de musica composta para orchestra, e dividida, por via de regra, em quatro partes distinctas, separadas por pausas umas das outras. Estas quatro partes são: 1.º o allegro, ou pedaço de movimento rapido, precedido muitas vezes por uma breve introdução de mais grave rhythm: 2.º o andante, ou adagio, pedaço mais ou menos vágaroso, cuja fórmula varia: 3.º o minuete, com tres tempos, e com movimento rapido: esta é

a mais curta das quatro partes, de que se compõe a symphonia: a sua fórmula nunca varia: 4.º o presto, rondó, ou final. Esta ultima parte é sempre aquella cujo rhythm é mais vivido, e o compositor emprega ahi toda a força da orchestra. Poderiamos ter comprehendido a symphonia debaixo do titulo geral de musica de concerto; mas o seu immenso desenvolvimento nos obrigou a fazer della um genero á parte. Nestas composições teem o primeiro logar Haydn, Mozart, e Beethoven.



#### METHODO DE MR. DOMBASLE PARA SE CALCULAR O PESO LIQUIDO DA CARNE DOS BOIS VIVOS.

DOMBASLE, agronomo distincto e infatigavel, e bem conhecido pelos seus escriptos, e pelo estabelecimento e direcção da escola rural de Roville, em França, publicou ha annos no 5.º volume dos seus Annaes um methodo engenhoso e tão exacto, diz elle, quanto podem ser as cousas humanas, pelo qual se calcula e avalia o peso liquido da carne dos bois vivos, offerecendo assim tanto ao vendedor, como ao comprador uma base certa e segura, para que um possa regular a venda destes animais, e outro a sua compra. O conde de Lienden, estudando a escala publicada por Dombasle, observou que na serie dos numeros correspondente á medição, e cujos dados a experiencia forneceu, estes estavam entre si, com mui pequena differença, como os cubos das medidas que lhe correspondem.

Com effeito a escala publicada por Dombasle, depois de haver sido verificada uma e mais vezes, apresentou esta notavel lei, e com tão pequenas differenças, que a maior não passa de tres linhas e meia, que apenas representam seis arrateis e meio de carne. Dombasle fez pois construir sobre estes dados uma nova escala, em que se notão os pesos corres-

pendentes a cada centímetro [41,36] d'augmento na medida do boi, desde 381 até 1307 arrateis. As repetidas observações feitas por elle e por outros mais acerca de bois, que pesavam desde 762 até 1089 arrateis, inspirão para certos districtos grande confiança, tanto pela exactidão da escala, como pelo principio que serviu para calculá-la.

Champion, fabricante de encerados e medidas á prova d'agua, para facilitar a medição dos bois, e o conhecimento de seu respectivo peso, fabricou umas fitas, segundo a escala dada por Dombasle, em um lado das quaes estão notadas as medidas em metros e suas divisões, e no outro o peso francez que lhes corresponde. Estas mesmas fitas (1) ou medidas podem ser empregadas entre nós, porem para fazer mais commodo o seu uso, e evitar o calculo de redução do peso francez ao de Portugal, havemos acrescentado na escala adiante transcripta a columna de pesos portuguezes; por este modo feita a medição do animal e conhecido o peso francez que lhe corresponder, procura-se na escala o seu equivalente em portuguez.

O principio sobre que Dombasle estabeleceu o seu methodo foi, que o peso da carne de um boi vivo é proporcional ao perimetro ou contorno do peito, conhecendo-se pois a extensão deste, pode-se calcular o peso liquido do animal.

Para se medir o perimetro do peito, é mister collocar o boi em um plano horizontal, tendo a cabeça na mesma parallela do espinhaço, e n'uma posição media, isto é, nem muito elevada, nem muito baixa, e os membros anteriores na mesma linha, não avançando um mais do que o outro. Collocado assim o animal, o homem que estiver á sua esquerda, desenrolando a fita a passa por detraz da perna esquerda do boi por baixo da junta do fundo do peito A fig. 1, e dá a sua ponta ao seu ajudante, o qual a dirige pela prega K fig. 2 que reúne o peito ao membro direito. Depois o medidor faz abraçar pela fita a linha mais saliente da espada esquerda C C fig. 1 até o vertice do encontro das espadas. O ajudante posto á direita pratica o mesmo que se vê em C C fig. 2, e quando a extremidade da fita tiver tocado a ponta H fig. 2 do encontro da espada, a entrega ao medidor, o qual une essa extremidade ao ponto da fita que conserva applicado sobre o encontro das espadas H H fig. 1 e 2: neste ponto, em que se acha abraçada toda a circumferencia do peito, está marcado por algarismos o peso do boi.

O methodo é exacto, pelo menos quanto pôde d'allo o processo, se a postura dos membros do boi fôr a que acima se disse. Porém os animaes em geral, e mormente os que fôrem fogosos, não se conservão nem sugeitão a esta postura, e quanto mais se desviarem della, menos se deve contar com a exactidão do resultado. Convém pois em todos os casos verificá-lo, procedendo-se em sentido inverso.

O medidor posto á esquerda em vez de passar a fita por baixo da junta do fundo do peito do membro esquerdo A fig. 1, como na primeira operação, a faz passar por baixo da prega 2 fig. 1, que une o peito ao membro anterior, e o ajudante, em vez de dirigi-la por baixo da junta K fig. 2 do membro direito, a faz passar por baixo do sovaco N fig. 2.

Se o resultado dos dois pesos fôr igual, sommam-se estes, e toma-se depois metade, que será o verdadeiro peso do boi. *Exemplo.* A primeira medição deu 920 arrateis, a segunda 930, cuja somma é 1850, logo o peso liquido é 925, metade daquella somma. Acha-se tambem o mesmo resultado, tomando a differença dos dois pesos, e ajuntando ao menor me-

tade dessa differença. *Exemplo.* Primeiro peso 920, segundo 930, cuja differença é 10, logo ajuntando 5 a 920, teremos 925, como acima.

Publicando este artigo, não é nossa tenção inculcar a sua doutrina como inteiramente exacta para todas as raças de bois, pois que algumas experiencias feitas em França e mormente as que se fizeram em 1832 nos matadouros de Paris por ordem do ministro da guerra, mostraram grande differença. Todavia não se podendo pôr em duvida a exactidão dos resultados obtidos por Dombasle, devemos ponderar que este methodo pôde ser exacto para certas raças de bois, e fallivel em outras, visto que a dissemelhança de conformação oudraça ou de individuos fazem variar um pouco os resultados da operação; entretanto o recommendamos, ainda que não seja senão para entre nós se fazerem e multiplicarem experiencias a este respeito.

A invenção é engenhosa, e talvez que no futuro, modificada como convier, se tornará geral.

| Medida metrica. |       | Peso metrico. | Peso portuguez. | Medida metrica. |       | Peso metrico. | Peso portuguez. |
|-----------------|-------|---------------|-----------------|-----------------|-------|---------------|-----------------|
| met.            | cent. | lib.          | lib.            | met.            | cent. | lib.          | lib.            |
| 1               | 31    | 350           | 381             | 2               | 23    | 700           | 762             |
| 1               | 32    | 356           | 388             | 2               | 30    | 720           | 784             |
| 1               | 34    | 368           | 401             | 2               | 32    | 740           | 806             |
| 1               | 36    | 381           | 415             | 2               | 34    | 760           | 828             |
| 1               | 38    | 393           | 428             | 2               | 36    | 780           | 849             |
| 1               | 40    | 406           | 442             | 2               | 38    | 800           | 871             |
| 1               | 42    | 418           | 455             | 2               | 40    | 820           | 893             |
| 1               | 44    | 431           | 469             | 2               | 42    | 840           | 915             |
| 1               | 46    | 443           | 482             | 2               | 44    | 860           | 937             |
| 1               | 48    | 457           | 498             | 2               | 46    | 880           | 958             |
| 2               | 00    | 471           | 513             | 2               | 48    | 900           | 980             |
| 2               | 02    | 485           | 528             | 2               | 50    | 920           | 1002            |
| 2               | 04    | 500           | 544             | 2               | 52    | 940           | 1024            |
| 2               | 06    | 514           | 560             | 2               | 54    | 962           | 1048            |
| 2               | 08    | 528           | 575             | 2               | 56    | 987           | 1075            |
| 2               | 10    | 542           | 590             | 2               | 58    | 1012          | 1102            |
| 2               | 12    | 558           | 608             | 2               | 60    | 1037          | 1129            |
| 2               | 14    | 575           | 626             | 2               | 62    | 1062          | 1157            |
| 2               | 16    | 591           | 644             | 2               | 64    | 1087          | 1184            |
| 2               | 18    | 608           | 662             | 2               | 66    | 1112          | 1211            |
| 2               | 20    | 625           | 681             | 2               | 68    | 1137          | 1238            |
| 2               | 22    | 641           | 698             | 2               | 70    | 1162          | 1268            |
| 2               | 24    | 660           | 719             | 2               | 72    | 1187          | 1293            |
| 2               | 26    | 680           | 741             | 2               | 73    | 1200          | 1307            |

N B. Na columna do peso portuguez se desprezaram as fracções d'arratel, isto é, onças e oitavas, sendo de sufficiente approximação apresentar os pesos em numeros redondos. — F. I. P. R.

#### SYSTEMA INGLEZ DE COLONISAÇÃO NA QUINTA PARTE DO MUNDO.

DESDE 1786 que partiu de Inglaterra a primeira embarcação de degradados para Botany-Bay, o genio activo e emprehendedor da nação ingleza diligenciou tirar proveito das remotas regiões da Australia. (\*) Apareceram ao principio muitas difficuldades, não só para obter meios de subsistencia, como para manter boa ordem e disciplina entre gente desregrada e de mau character: porém a constancia do governo da metropole, a prudencia dos governadores, e as intenções philanthropicas do parlamento para transplantar áquelles confins do mundo uma população ingleza, libertando a tantos individuos do extremo rigor da lei e com a esperanza de que os vicios dos

(1) Vendem-se no Porto, rua do Bomjardim N.º 379—L.

(\*) Vid. Panorama 1.º vol. pag. 191.

país não chegariam á terceira geração, contribuíram para a prosperidade apparente do presidio. Todavia ainda que esta prosperidade estava já reconhecida, ainda que havia muitas pessoas no reino-unido da Graã-Bretanha desejosas de emigrar e viver sob as leis patrias, e de evitar a pobreza que na Europa as affligia, a idea de se misturarem com os desterrados lhes era intoleravel: por isso, depois de varias suggestões por alguns membros do parlamento, determinou o governo fazer uma colonisação formal em diversos pontos d'aquella região, sob regulamentos coloniaes geralmente adoptados para Nova-Galles, Terra de Van-Diemen e Rio Cisne. Ultimamente estabeleceu-se para a Nova-Hollanda um novo systema, em virtude d'um acto do parlamento, em 1825, cujas clausulas principaes mencionaremos brevemente.

O parlamento auctorisa o governo para que erija o territorio denominado Australia em provincia ingleza, facilitando todos os meios para a sua organisação e progresso. Os habitantes não serão sujeitos ás leis ou constituições d'outra alguma parte daquella região, senão a certas leis locaes feitas especialmente para o seu territorio.

O conselho privado de S. M. nomeará pessoas idoneas para appresentar estas leis, fundar tribunaes, nomear juizes e parochos da igreja ingleza ou escoceza e impôr as contribuições que necessarias forem para o bem-estar dos colonos. Nomear-se-hão tres commissões, para fazer cumprir o estabelecido neste Acto, que darão conta ao parlamento de tudo o que se executar em cada anno.

Não se permittirá em tempo algum, nem por qualquer circumstancia, mandar para qualquer ponto da colonia, individuo algum sentenciado a desterro pelos tribunaes de Inglaterra, Escocia, Irlanda, ou de outra qualquer parte.

Quando a população desta colonia chegar a 50:000 habitantes, terá uma constituição local exclusivamente sua. As faculdades do governador d'Australia serão as mesmas que as dos outros governadores, excepto que não poderá intervir na concessão, venda ou distribuição de terras, sendo esta attribuição da commissão ou commissario residente, o qual obrará segundo as instrucções que lhe forem dadas pela junta das colonias em Londres. O dever principal desta junta será empregar todo o dinheiro produzido pela venda publica de terras em costear a passagem de emigrados pobres na classe de trabalhadores. O commissario residente terá a seu cuidado as escripturas de propriedade das terras ou de trespasses: assim como o registo dos baptismos, casamentos, e obitos. Lord Glenelg é nomeado *protector dos indigenas*, a fim de cultivar a sua amizade e melhorar-lhes a condição social, procurando por estes meios a segurança dos colonos.

Sobre a venda das terras ha uma clausula mui circumstanciada que merece ser trasladada na sua integra.

*Clausula 6.<sup>a</sup>* — As commissões, ou commissarios são auctorisados para declarar terras publicas todas as das ditas provincias, excepto somente aquellas porções convenientes para caminhos e trilhos: e para vendê-las publicamente a subditos inglezes, pelos preços que julgarem conveniente arremata-las, depois de terem sido devidamente medidas; e para darem de aluguel terras de pastagens, não excedendo o praso em caso algum a mais de tres annos. Todo o dinheiro recebido de tempos em tempos pelas vendas de terras e alugueis de pastagens será applicado á condução dos operarios pobres que quizerem emigrar da Inglaterra, Escocia, e Irlanda para a dita colonia. Nenhuma porção das ditas terras pu-

blicas poderá ser vendida senão em hasta publica e por dinheiro de contado: em nenhum caso se venderá a fanga de terra (\*) por menos de 12 xelins [pouca mais ou menos 2:400 r.<sup>s</sup>]; e este será o menor preço, quer d'uma fanga unica quer d'uma grande porção de terra, porque o preço ha-de ser uniforme. Não se deduzirá quantidade alguma deste dinheiro, com qualquer pretexto de gastos que seja, antes o total entrará para o *fundo d'emigração*, para o transporte de pessoas pobres adultas, em numero igual de homens e mulheres, não excedendo estas pessoas a trinta annos de idade.

*Clausula 7.<sup>a</sup>* — Nenhum homem casado, ou mulher casada, nenhum rapaz, ou rapariga que tenha pais, serão transportados á custa do fundo d'emigração, a não ser que marido e mulher, pais e filhos vão todos junctos.

Em virtude destas disposições os commissarios tinham vendido, nos fins de 1834, terras até á somma de cento e quarenta contos de réis proximoamente, e o preço da fanga que fôra estabelecido a 2:400 r.<sup>s</sup>, subiu desde o 1.<sup>o</sup> de Março de 1835 a 4:000 r.<sup>s</sup>. A nação britannica renunciou a toda a propriedade exclusiva naquellas colonias, quer á superficie quer no interior da terra; assim como a todo o direito de doar terras a alguém. Os arrendamentos de chão para pastagens fazem-se debaixo das seguintes condições. O termo da escriptura não passa de tres annos, e o preço ou renda annual por cada quarto de legua quadrado anda por 1760 r.<sup>s</sup>; porém não se arrenda terra de pastos a quem não tem chão para semeadura; por cada 40 fangas de lavoura se dá em arrendamento um quarto de legua quadrado.

O estabelecimento de Porto Lincoln é tão recente que de fundação conta apenas cinco annos. Sem embargo disso, logo no primeiro teve seu templo com o respectivo ministro bem pago, e dotação conveniente para as despesas do culto: no segundo anno estabeleceu-se uma imprensa, e começou a publicação d'um periodico intitulado — *Gazeta austral e Registo colonial*. Em 1837 tractava-se da fundação d'um collegio para a educação dos filhos dos empregados, que servirá como de universidade para a juventude das colonias proximas.

Em summa, este novo e excellente systema de colonisação funda-se nos principios seguintes: que todo o cultivador seja proprietario, e que o dinheiro, que paga pela terra que adquire, se empregue em proporcionar-lhe trabalhadores da Europa, mancebos e de bons costumes; que quantos mais jornaleiros se fizerem proprietarios tanto mais crescerá o fundo para transporte d'emigrados pobres; que o bom character dos emigrados, e o numero igual de ambos os sexos, manterão a ordem publica, e a boa moral do povo, sendo todos igualmente interessados na prosperidade do paiz, livres da contaminação dos degradados, sem contribuições nem oppressão de especie alguma. Os ricos pagão a passagem aos pobres; estes são obrigados a trabalhar para ganharem pão, porem tem plena liberdade para contractar com os proprietarios em termos que mais convenham a ambas as partes.

#### AS MARÉS.

O MAR, que é tão notavel pela immensa extensão e pelo salgado das aguas, pela phosphorescencia com que scintillam as ondas, por gélos enormes, por arrebatadas correntes, e pela quasi infinita multidão e variedade de peixes, de molluscos, e

(2) Chão que leva quatro alqueires de semeadura.

de outros muitos animaes, até dos mais singulares na escala da vida, que todos se alimentam em seu seio, é também mui digno d'attenção pelo phenomeno das marés. São estas as grandes oscillações, que fazem variar quatro vezes em 24 horas o nivel das aguas, que ora vão sussurrando invadir até certa distancia as areias do littoral, ora se recolhem ao seu vasto deposito deixando em sêcco a praia juncada de conchas e de limos. Chama-se fluxo e refluxo este movimento das aguas, e se repete duas vezes naquella espaço de tempo. As attracções de dois corpos celestes, o sol e a lua, resultado das leis da gravitação universal, são a causa deste phenomeno. Por quanto a experiencia reconheceu que no intervallo comprehendido entre duas passagens da lua pelo meridiano, isto é em cousa de 24 horas, o mar sóbe e recúa como dissémos. O sol também influe sobre as aguas, porém menos sensivelmente por causa da grande distancia em que está do nosso globo. Estas duas influencias combinadas formam a maré, e da differença dos seus periodos respectivos resultam o fluxo e refluxo: se a maré lunar coincide com a maré solar, o que tem logar nas *syzygias* [1], as marés chegam ao seu maximo: pelo contrario são as mais pequenas quando os dois astros estão a distancia de 90.<sup>o</sup> um do outro, o que acontece nas *quadraturas*, ou quartos, minguante e crescente. As phases da lua servem para calcular as da maré, o que se faz agora com a maior certeza. As variações locais que existem procedem da altura, do escarpado ou de outras circumstancias das costas; nos golphos, nos istmos, nos estreitos, a agregação das aguas sustada, retardada, comprimida, produz muitas vezes irregularidades. As barras a certa distancia da foz dos rios são obras das marés.

Assim como nas regiões circumpolares, as marés são quasi imperceptiveis nos mares interiores, por exemplo no Mediterraneo; por isso os gregos antes de Alexandre Magno ignoravam a existencia deste phenomeno. O almirante e os marinheiros, encarregados por aquelle conquistador, quando já de posse do imperio da Persia e d'uma parte da India, de baixar pelo Indo [o Sind] até a desembocadura no grande oceano oriental, logo que chegaram ao *delta* [2] do rio, acamparam na praia, tendo puxado as embarcações para sêcco: repentinamente o mar os assalta com impeto e ruido temeroso, arrebatando as barracas, submerge cavallos e cavalleiros, desamarra e arrasta os navios, que se abalroam e despedaçam. Todavia esta maré fôra assim terrivel por causa do *bore*, phenomeno espantoso que succede naquella braço do Sind, e que é analogo ao *mascaret* na entrada do garonna, e ao *prororoca* na America. Concluiremos com duas palavras acerca deste ultimo. As ondas do vastissimo Amazonas, quando entram no mar, se precipitam umas sobre outras com tanta impetuosidade que repellem as aguas do Atlantico e correm sem confundir-se quarenta leguas pelo mar dentro. A maré conhece-se até Obidos quasi 175 leguas de 25 ao gráu acima da foz. Nos tres dias mais proximos ás luas cheias e luas novas, epochas das maiores marés, o fluxo em vez de se desenvolver em seis horas, succede em um ou dois minutos; resôa então um estrondo medonho, que os indios chamam *prororoca*, e que se ouve por duas leguas em redondo.

(1) Syzygia: a conjunção ou a opposição de um planeta com o sol; no nosso caso, o tempo da lua nova e da lua cheia. Vid. sobre estas phases o nosso artigo em o N.<sup>o</sup> 114 a pag. 213 deste vol.  
(2) Delta é o nome d'uma letra grega da fórma d'um triangulo, e da-se á porção da terra situada entre as duas fozes d'um rio.

## A AMISADE.

A AMISADE é amor sem desejo — aquella é um sentimento da alma; este é uma paixão do coração, por isso a amisade é menos interesseira que o amor. Estriba-se ella na igualdade e homogeneidade das inélinações, e sentimentos predominantes. Começa ordinariamente pela estima, e depois se desenvolve e cresce com a familiaridade, e confiança; porém não póde ser perfeita e duradoura toda a vez que não respeitamos, ou não favorecemos os gozos, e amor proprio de quem queremos para amigo.

Um amigo fiel e verdadeiro é sem contradicção a joia mais preciosa que o homem póde neste mundo possuir. Ter uma pessoa a quem consultemos em nossas duvidas, que nos proteja nas adversidades e perigos, e com quem nos regosijemos nos instantes de prosperidade, ajuda-nos a supportar as amarguras da vida, e torna mais deleitosos nossos dias. — *O homem verdadeiramente solitario*, diz Bacon, *é aquelle que não possui um amigo: o mundo será para elle um vasto deserto, por onde passe a vida como um irracional vagabundo.*

Ter animo, e ter amigos, é o que nos basta para resistir ás privações e incommodos inherentes á nossa condição social; e com tudo mais nos esmeramos por adquirir um servo que por conservar um amigo: por isso quando a desgraça nos persegue, sempre temos que queixar-nos de ingratições dos que nos devem beneficios. Se é por vaidade que nos cercamos de gente assalariada, que só dá um passo atraz do seu bem particular, não será para admirar que nos vejamos sós nas adversidades, quando já não prestamos igual interesse.

Ha quem duvide que possa haver no mundo amisade sem interesse, mas quem assim discorre será talvez porque intimamente se julgue incapaz de tão elevado e terno sentimento. Na historia temos o nobre exemplo de Lucilio amigo de Bruto, que vendo seu amigo perseguido depois das batalhas de Philippo pelos soldados vencedores de Marco Antonio, teve a astucia de illudir, e mallograr as intenções dos seus perseguidores inculcando-se Bruto; e sendo conduzido á presença do general vencedor disseram seus apprehendedores. — Aqui trazemos Bruto prisioneiro — ao que elle respondeu cheio d'enthusiasmo — graças aos Deuses — Bruto está salvo. — O mesmo Marco Antonio maravilhado — tal é o poder da virtude! disse então para os seus: — julgastes trazer-me um inimigo, e me trouxestes nm amigo.

Este exemplo porém, bem como o de Lysimacho que, a despeito de todo o poder e colera de Alexandre o Grande, ousou visitar a Calisthenes de Olyntho, a quem este barbaro principe havia cruelmente mutilado, e encerrado n'uma gaióla de ferro, não prova tanto ainda até que ponto chega a força de uma amisade como o caso que se conta de um ministro de França. Falleceu endividado um amigo intimo deste ministro deixando duas creanças totalmente em abandono; elle porém tomando sob sua protecção os innocentes filhos de seu amigo, cortou logo por suas despezas de tratamento e equipagem, e foi habitar n'uma casa recon dita, que alugou nos suburbios de Paris, d'onde sahia todos dias á côrte a despachar seus negocios acompanhado tão somente de um criado. As más linguas da capital logo attribuiram aquella extraordinaria mudança á avareza do ministro; e quantos se tem lançado no extremo opposto — a prodigalidade, e dissipação, — por não serem victimas de insensatos zoilos, que mordem os corações mais magnanimos e generosos? Elle porém, sem fazer o minimo caso das injurias e

aleives de seus detractores permaneceu inalteravel neste modo de vida frugal e economico pelo espaço de dois annos, no fim dos quaes de novo appareceu com o fausto antigo. — Já tinha poupado vinte mil libras com que dotou os filhos do seu amigo. — Similhante rasgo de amisade merece os maiores encomios, por isso que não é tão facil soffrer por tanto tempo sacrificios e privações, que mais insupportaveis e pezadas se tornam com as murmurações do mundo, como fazer um sacrificio da propria fortuna, em beneficio de outrem, nascido d'um impulso repentino, e temporario. Quando se tracta de escolher um amigo, convem primeiramente conhece-lo a fundo, antes de entregarmo-nos em suas mãos, e só podêmos encontra-lo entre os homens de bem, porque sem boa fé será impossivel existir amisade verdadeira. A amisade sabe tolerar o que lhe não é contrario; e facilmente desculpamos n'um amigo os defeitos nascidos do entendimento, mas nunca os do coração, quando lhe descobrimos alguma diminuição d'affecto.

Posto que seja a pura amisade por natureza desinteressada, não dispensa comtudo certas attensões que lhe são devidas, não só porque servem de remuneração ao nosso amigo como por lhe demonstrarem a nossa affeição e sincera retribuição. O bom acolhimento não basta para crear estima, porém augmenta-a, da mesma sorte que um propicio sopro atéa a chama que por si crescer não póde, ou faz crescer a faisca, posto que a não accenda.

#### ORIGEM DO TITULO DE DOM.

DEPOIS dos sobrenomes e appellidos nobres das familias começou o prenome de *Dom*, que ainda no nosso Portugal se conserva nos homens em bem diferente predicamento do mais resto da Hespanha, onde é quasi commum: tanto podem os annos que aquella honra, que em seus principios se regateava tanto que não chegavam a logra-la senão pessoas muito grandes: hoje a vulgaridade a tem reduzido a tão pouca estimação em aquelles reinos. Deriva-se o *Dom* da palavra latina *Dominus*, que quer dizer senhor, e vale o mesmo que milord em Inglaterra, monseigneur em França, misser em Valença e monsignor em Italia. Fazia-se delle tanta estimação neste reino, que antigamente só era concedido pelos reis a seus descendentes, e aos ricos-homens (\*), e delles o tomavam seus filhos, e não se estendiam a outras pessoas.

Salazar de Mendonça nas suas *dignidades seculares de Castilla* diz que o primeiro que em Hespanha usou de *Dom* foi Pelayo, de sangue real godo, a quem os hespanhoes, anno de 718, depois da perda d'elrei D. Rodrigo, elegeram por soberano. Tomaram-no depois os reis seus descendentes, os infantes e suas mulheres; logo os prelados, os ricos-homens e os cavalleiros que tinham privilegio real por grandes serviços. Prosegue o chronista Antonio Brandão dizendo que o *Dom* se foi introduzindo nas gerações particulares, ou por privilegio; mas que foi este dado com tanta limitação, até os tempos d'elrei D. Affonso 5.<sup>o</sup>, que não só nos fidalgos, mas em senhoras principalissimas, não havia o uso delle. Em o testamento de elrei D. Sancho 1.<sup>o</sup> estão nomeados quasi todos seus filhos e filhas bastardas sem *Dom*. O mesmo faz elrei D. Affonso, o sabio, a uma filha que chama Urraca Affonso. Pelo mesmo modo tracta elrei D. Diniz a sua filha Maria Affonso, e suas noras Tareja Martins e Froila Amires. De nossas historias consta que o primeiro dos filhos

bastardos dos reis de Portugal que tomaram o prenome de *Dom* foi D. João, mestre de Aviz, filho bastardo d'elrei D. Pedro, que depois foi o felicissimo rei D. João 1.<sup>o</sup>, de gloriosa memoria. Os reis com este prenome pagavam serviços grandes, como sabemos que fez elrei D. João 2.<sup>o</sup>, que por accrescentar a Gonçalo Vaz de Castello-Branco, vedor de sua fazenda, que foi pae de D. Martinho de Castello-Branco, primeiro conde de Villa-Nova, pelos muitos serviços que lhe tinha feito, e merecimentos que nelle havia, lhe deu o *Dom* para elle e seus filhos e descendentes. E ao grande D. Vasco da Gama fez mercê elrei D. Manuel sómente do prenome de *Dom* com mil cruzados de renda pelo descobrimento da India Oriental, quando chegou da primeira navegação, parecendo-lhe em aquelle tempo que era um *Dom* satisfação bastante para quem lhe dava um novo imperio, rompendo as ondas por mares nunca d'antes navegados: — bom exemplo para estes nossos tempos, em que não é necessario que os reis o deem, nem paguem com elle algum serviço, por pequeno que seja; porque todos os que o querem o tomam, sem attentarem que por nenhuma via lhes convém. Já em seu tempo se queixava disto Garcia de Resende, nas suas *Miscellaneas*, dizendo:

Os reis por accrescentar  
As pessoas em valia,  
Por lhes serviços pagar  
Vimos a uns o *Dom* dar,  
E a outros fidalguia.  
Já os reis não hão mister,  
Pois toma o *Dom* quem o quer,  
E armas nobres tambem  
Toma quem armas não tem  
E dá o *Dom* á mulher.

*Samp. — Nobiliarch. Port.*

*Anecdota de Philippe 2.<sup>o</sup>, d'Hespanha.* — Um dos conselheiros mais favorecidos deste monarcha pediu-lhe, para casar uma filha, alguma das mordomias da casa real. Respondeu o rei: *os officios de minha casa não se instituíram para os dar em dote de casamento; case-se que, se o merecer o marido, terei cuidado em lhe fazer mercê.*

Consultaram-lhe muitas vezes um sujeito grave para certa dignidade, porém como o não provésse, não obstante ir na cabeceira do rol, a final o pozeram só informando ser capaz e de muita prudencia. Sabia o rei que essa pessoa tinha familiaridade escandalosa com uma D. Prudencia; pelo que tomou a penna e pôz á margem: *Proponha-se outro: já tenho noticia da sua Prudencia.*

*Actividade* — Julio Cesar costumava dizer que nas emprezas atrevidas e perigosas é necessario obrar sem deliberar; por isso que a resolução contribue mais do que cousa alguma para o bom exito. A reflexão, accrescentava elle, esfria a valentia, e faz o homem timido. Este celebre romano, depois de ter vencido o exercito da republica, voa da Italia ao Ponto na Asia; ataca a Farnaces filho de Mithridates, triumpho delle no primeiro recontro, e volta a comprimir os rebeldes. A participação que fez a Roma communicando a sua pasmosa rapidez a par de victoria tão importante, limitava-se a estas palavras: *veni, vidi, vinxi.* Cheguei, vi, e venci.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo  
N.<sup>o</sup> 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.

(\*) Veja-se o que dissemos ácerca desta dignidade no 1.<sup>o</sup> vol. a pag. 45.